



## O ser humano RETRATADO POR ROY ANDERSSON

Por Camila Sailer Kletemberg

Meu primeiro contato com o cinema de **Roy Andersson** foi por meio de um postal divulgando a exibição do filme *Um Pombo Pousou num Galho Refletindo sobre a Existência* (2014) na programação do Festival de Cinema da Bienal Internacional de Curitiba de 2015. A foto estampada no postal era um dos frames da primeira cena do longa-metragem, na qual um homem observa um pombo empalhado em um museu. No filme, após o letreiro inicial, somos informados de que aquela era “A última parte de uma trilogia sobre o ser humano”. A trilogia foi iniciada no ano de 2000 com o longa *Canções do Segundo Andar* e seguida por *Você, os Vivos* de 2007.

Os três filmes citados seguem a linha do gênero tragicomédia, nos quais o sueco Roy Andersson revela uma sociedade vulnerável a situações imprevisíveis do dia a dia. Cada cena é como se fosse uma nova história, podendo, ou não, se conectar com as próximas. Histórias essas que fazem pensar sobre o que é viver a realidade de um ser humano.

A trilogia traz uma estética muito característica, seres humanos extremamente pálidos em uma textura que faz cada plano parecer uma pintura. Remetendo a uma arte renascentista, ele cria um balanço entre as cores quentes e frias e uma construção de planos com grande perspectiva de profundidade.

Aplicando a profundidade para trabalhar com diferentes histórias em um mesmo plano, Andersson quer que o espectador veja seu filme do mesmo modo que observa atentamente quadros em um museu, analisando cada detalhe da imagem construída na cena.

Contando com apenas um ou dois movimentos de câmera em cada filme, as cenas são feitas primordialmente por planos estáticos. O diretor prioriza também a construção de planos abertos, pois acredita que podem dizer muito mais sobre um personagem do que um close. O ambiente que os cerca, suas roupas, suas companhias, tudo isso pode conter mais histórias do que uma expressão em um rosto fechado.

#### **CANÇÕES DO SEGUNDO ANDAR (2000)**

Em cada cena há uma situação imprevisível com uma lição de moral extraída, como na abertura de *Canções do Segundo Andar*, filme com o qual a trilogia começa. Em uma sala de bronzeamento, dois homens conversam sobre o desempenho de sua empresa. Ao chegarem à conclusão de que a situação estava ficando cada vez pior, concordam que “não tem sentido permanecer onde só tem miséria”.

Nesse filme, o mundo materialista é questionado, dando enfoque às prioridades estabelecidas por seus personagens, sempre com seu tom de ironia. Como na cena em que a esposa insiste para que o marido falte um dia de trabalho e ele

alega nunca ter faltado desde que entrou na empresa. A próxima cena já mostra ele se arrastando pelo corredor abraçado aos pés de seu chefe enquanto entoa que trabalhava ali há 30 anos.

O longa-metragem se passa inteiramente em uma cidade que está paralisada por um engarrafamento constante. Em uma conversa um mendigo o analisa dizendo, “Ninguém anda há 8 horas. Ninguém sabe o motivo. Parece que toda cidade está nas ruas. Todo mundo indo na mesma direção. Faz você pensar, sabe, para onde se dirigem as pessoas. Sabe para onde se dirigem? Sabe para onde estão indo?”

O que ocupa a maior parte das cenas do filme é a história de Karl, um homem que decide incendiar sua loja de móveis com a intenção de ganhar o dinheiro do seguro e se vê surtar com a possibilidade de não ter sucesso após descobrir que os papéis do contrato foram queimados no incêndio. Entendo que há uma ironia no fato de, ao meio de todas essas histórias de pessoas que se dizem estar à beira da loucura, o único personagem a ser diagnosticado e internado como louco é o filho de Karl, que decidiu largar a empresa de táxi para escrever poesia.

#### **Você, os Vivos (2007)**

O segundo filme da trilogia, *Você, Os Vivos*, é sobre o ser humano e suas lamentações. Em uma cena um psiquiatra decide desabafar sobre seus anos de trabalho: “Eu sou um

psiquiatra. Sou psiquiatra há 27 anos. Estou completamente exausto. Ano após ano ouvindo pacientes que não estão satisfeitos com suas vidas, que querem se divertir, que querem que eu lhes ajude. Isso esgota, podem acreditar. A minha vida não é exatamente muito divertida. As pessoas exigem tanto. Essa é a conclusão que eu cheguei. Elas querem ser felizes. E ao mesmo tempo são egocêntricas, egoístas e pouco generosas. Bem, eu quero ser honesto. Quero dizer que elas são simplesmente mesquinhas. A maioria. Passar horas tentando fazer uma pessoa mesquinha feliz não faz sentido. Não dá para aguentar. Eu parei de fazer isso. Atualmente, só receito remédios. Quanto mais forte, melhor”. Desabafos assim são recorrentes em seus filmes. Falas sem filtro que propõem expor o ser humano ao seu estado mais íntimo.

O sonho é um tema constante nesse filme, seus personagens olham para a câmera e começam a contar para o público o que haviam sonhado. Sonhos trágicos, desejados e até aqueles que se tornam realidade, como o mostrado na primeira cena do filme. Um homem conta assustado que havia tido um pesadelo no qual um bombardeio estava a caminho, sendo a última cena do filme aviões sobrevoando a cidade, o que dá a ideia de que sonho veio a se tornar realidade.

**UM POMBO POUSOU NUM GALHO  
REFLETINDO SOBRE A EXISTÊNCIA (2014)**

A última parte da trilogia, *Um Pombo Pousou num Galho Refletindo sobre a Existência*, refere-se ao destino do ser humano e suas fragilidades. O filme começa com três diferentes encontros com a morte, um homem tendo um enfarte, uma senhora em seu leito que insiste em não soltar sua bolsa com suas joias, pois acredita poder levá-las consigo, e um homem que ao morrer em um restaurante gera uma discussão para decidir com quem ficaria a sua comida já paga.

O que preenche a maior parte do filme é o trajeto de dois homens em busca do sucesso no ramo do entretenimento. Vendendo artigos como dentaduras de vampiros e sacos de risadas, eles dizem que iriam “possibilitar que as pessoas se divirtam”. Porém, sem nenhum êxito, terminam o filme desmotivados e endividados.

Nessa trilogia nada é aleatório, o diretor diz chegar a fazer 20 ensaios de iluminação, composição do enquadramento, cenários, figurinos, cores e atores. A cada mudança de cena, um quadro novo a ser contemplado. Andersson acertou em seus planos estáticos, nos deu tempo e espaço para absorver tudo o que ele havia detalhadamente construído.

Saindo de uma estrutura narrativa convencional, seu conjunto de histórias às vezes bizarras, mas sempre reveladoras, constrói uma reflexão acerca das escolhas tomadas pelos seres humanos e, inclusive, não devemos esperar finais felizes.

